




26/02/10 - 06h30 - Atualizado em 26/02/10 - 07h14

'É uma grande responsabilidade', diz novo baterista dos Titãs

Mario Fabre faz sua estreia com a banda ao vivo na próxima terça (2). Charles Gavin deixou o grupo alegando 'esgotamento físico e mental'.

Lígia Nogueira Do G1, em São Paulo



clique para ampliar 

Da esquerda para a direita: Branco Mello, Sérgio Britto, Tony Bellotto, Mario Fabre e Paulo Miklos. (Foto: Silmara Ciuffa / Divulgação)

No dia em que os Titãs anunciaram a saída de Charles Gavin, as baquetas de uma das mais importantes bandas de rock do Brasil já tinham dono: Mario Fabre. O músico foi sugerido pelo irmão de Gavin e com o aval do próprio, que declarou considerá-lo "um excelente baterista" e responsável por tornar a ruptura "menos dolorosa".

Prestes a fazer seu primeiro show com a banda -- em 2 de março em Florianópolis, Santa Catarina --, Fabre tem a missão de acompanhar Branco Mello, Paulo Miklos, Sérgio Britto e Tony Bellotto na turnê do mais recente disco dos Titãs, "Sacos plásticos", vencedor do Grammy Latino de melhor álbum de rock brasileiro de 2009.

Aos 41 anos de idade e 27 de carreira, o baterista já tocou com músicos de blues como André Christovam e Flávio Guimarães, mas se considera essencialmente roqueiro. Uma de suas empreitadas mais recentes foi acompanhar o 999, uma banda punk inglesa formada nos anos 70, em apresentações no Brasil e na Argentina no ano passado.

"Sempre gostei muito de Titãs, Paralamas e The Police, que é uma referência básica. Ouvia muito soul, coisas da gravadora Motown. Daí veio meu interesse pelo blues", conta o artista, que formou uma das bandas pioneiras do estilo em São Paulo, chamada Spirit Blues.

"Também toquei em discos de metal como músico contratado. Acabo pegando muitos trabalhos porque eu escuto as músicas e decoro fácil, também escrevo partituras. Chego lá e toco do jeito que os músicos querem. Isso foi passando no boca a boca."

O primeiro contato com a música foi aos sete anos, quando Fabre pegou um cavaquinho e começou a tocar. "Meu pai gostava muito de chorinho e eu fiquei viciado, tinha vezes em que ele até guardava o instrumento, preocupado com a minha obsessão", diverte-se.

A situação mudou quando ele comprou uma bateria usada, aos 14 anos. "Eu era menor de idade e meu pai reclamava porque tinha de ir a shows que ele não gostava. Foi tudo por amor à música, nunca por querer ser famoso. No começo, ganhava bem pouquinho, depois com o tempo comecei a fazer as coisas. Minha família sempre me deu muito apoio, nunca tive grandes problemas."

Dos sete anos e meio de curso na Escola Municipal de Música Erudita, Fabre fez quatro. "Ou eu parava ou virava músico erudito. Não dava para conciliar com o rock 'n' roll."

Sobre o desafio de ser o novo integrante dos Titãs, o baterista se diz "tranquilo". "Fizemos dois ensaios, passamos todas as músicas – são quase 30 – e montamos o show", conta Fabre. "Estou muito contente, eles são muito legais. Entre eles está tudo certo, continuam amigos. É uma grande responsabilidade entrar lá. Imagina ser casado com alguém por 25 anos e depois trocar. É difícil conviver com outra pessoa. Mas rolou uma empatia logo de primeira, é um relacionamento musical. Eu vivi muito a concepção do rock 'n' roll. O fraseado de bateria não pode ser complexo nem muito cru, tem que ter um meio termo. É uma questão de experiência. Toco há muito tempo com pessoas extremamente exigentes, que excursionam pelo mundo. A oportunidade que estão me dando é muito boa, e espero que seja para eles também."

Mario Fabre conheceu Cesar Gavin, irmão de Charles, na década de 1980, quando montaram juntos a banda Bala de Prata. “Seguimos caminhos diferentes, mas a amizade continuou. Por indicação dele, mandei um e-mail para o Charles Gavin dizendo que tinha interesse em fazer um teste para ser baterista dos Titãs, se eles permitissem. Eles foram muito receptivos. Pensei: ‘quem sabe não sou o baterista que eles estão procurando?’”, conta.

O artista não conhecia os integrantes pessoalmente, mas a facilidade para tirar músicas de ouvido o ajudou a conseguir a vaga. “Combinamos de nos encontrar no estúdio, eu fui lá e tirei as músicas. O repertório tinha 12 faixas, incluindo ‘Polícia’, ‘Porrada’, ‘Porque eu sei que é amor’, ‘Marvin’, ‘Go back’, ‘Bichos escrotos’. Depois pediram para tocar ‘A melhor banda de todos os tempos da última semana’. Não me pediram para mudar nada na maneira como eu toco, só alguns detalhes. Falamos mais sobre o repertório, a dinâmica dos shows. À noite, me ligaram avisando que eu tinha sido escolhido.”

‘Muito gás’

Segundo o novo integrante, o clima na banda está ótimo. “Eles estão muito animados para continuar tocando, fazendo shows. Eu acho que a banda não vai mudar nada, vai ganhar mais força ainda. Acho que eles ainda têm muito gás para continuar a carreira, porque têm cultura e fazem boas letras”, diz.

“Hoje a linguagem das pessoas mudou, as gírias mudaram, surgiram novas tendências, como o emo. Se falarem que agora a moda é música erudita, todo mundo vai ouvir. Os Titãs atravessam as décadas porque têm cultura musical e bom senso, se preocupam em falar coisas sérias, por isso eles sobrevivem, assim como os Paralamas do Sucesso. Até hoje, mesmo quando os Titãs falam de amor, tem uma pegada mais ácida. Tem mais veneno, não é aquela coisa de sofrimento.”

Fabre também compõe letras e não descarta a possibilidade de criar material novo, mas mantém os pés no chão. “Não sei se vai rolar, só o tempo vai dizer. Eu não tenho essa ambição. Para mim, tocar já é muito prazeroso, nem pensei muito em opinar. Meu estilo de tocar vai aparecer nitidamente.”

'Esgotamento físico e mental'

Em 12 de fevereiro, Charles enviou um e-mail aos fãs, publicado no site “Planeta Titãs”, explicando seus motivos por deixar a banda.

“Meu afastamento se deve a um esgotamento físico e mental, provocado pelo que acontece quando uma banda como os Titãs alterna, ano após ano, álbuns e turnês - condição muito bem retratada na música ‘Turnê’, do disco ‘Domingo’”, escreveu. “Apesar de saber que a essência de uma banda de rock ‘n’ roll é estar na estrada, como diz a canção do disco ‘Sacos plásticos’, percebi que não estava feliz - são as contradições da vida.”